

COMUNICAÇÃO



Esta seção trata do declínio da inserção do Brasil nas análises e no noticiário internacional a partir da votação da segunda denúncia contra Michel Temer. Jornalistas estrangeiros mantêm, contudo, uma visão mais crítica da política brasileira em relação à cobertura local, como se observa ao longo dos últimos meses. Traz também uma análise das manifestações de usuários das redes sociais a respeito do golpe ou intervenção militar, que teve um crescimento no feriado da Proclamação da República.

O acompanhamento da política brasileira não tem gerado grande volume de publicações nos jornais estrangeiros. A votação da segunda denúncia contra Michel Temer foi o último fato a ser trabalhado por diversos jornais. Essas reportagens não expressam preocupação com o futuro brasileiro – o que sugere a falta de importância do Brasil no cenário internacional.

Algumas perspectivas interessantes de observadores estrangeiros foram reveladas. Em 25 de outubro, o *New York Times* publicou reportagem da agência *Reuters* informando que apesar de Temer ter escapado de mais uma denúncia, medidas controversas adotadas por ele foram alvo de críticas dentro e fora do Brasil. No dia seguinte, o jornal publicou uma notícia produzida pela *Associated Press* com a manchete *Temer sobreviveu à votação sobre corrupção, pode ele liderar?* O texto diz que seu governo parece estar mais enfraquecido do que nunca.

O professor da American University, Matthew M. Taylor, declarou que as reformas propostas por Temer não saíram mais do papel. Ao jornal inglês

The Guardian, um outro professor estadunidense lembrou que no Congresso brasileiro são muitos os acusados de corrupção, o que aumenta a conivência e dificulta a substituição de Michel Temer.

Já o francês *Le Monde* fala em um perigoso cinismo dos políticos brasileiros que salvaram Aécio Neves e Temer. A repórter do jornal diz em seu texto que “Raramente os brasileiros viram tanto cinismo de deputados e senadores para defender esses dois políticos qualificados por analistas como ‘cadáveres políticos’”. Certamente, os adjetivos utilizados e as projeções são muito diferentes daqueles que a imprensa tradicional brasileira publica.

Depois da denúncia contra Temer, poucas histórias foram publicadas e em pautas mais específicas. A rede *Al Jazeera*, no dia 1º de novembro, tratou da ocupação organizada pelo MTST em São Bernardo do Campo. A publicação relaciona o alto índice de desemprego com o grande número de famílias presentes na ocupação.

Em 2 de novembro, o *Le Monde* publicou uma re-

portagem tratando da situação das florestas e questionando se o superaquecimento do planeta ainda pode ser evitado. No dia 6, o espanhol *El Mundo* publicou artigo sobre a história de um advogado nascido e criado em uma favela carioca que, hoje, assume casos de pessoas que são mortas durante ações policiais.

No dia 8, o *NY Times* publicou reportagem informando que o Brasil iria diluir a impopular Reforma da Previdência, que uma versão enxuta seria colocada em votação, mas corria o risco de não ser aprovada. No dia seguinte, o periódico nova-iorquino informou que uma comissão do Congresso brasileiro havia aprovado um projeto para proibir o aborto em absolutamente todas as circunstâncias. O jornal explicou que a comissão é dirigida por cristãos evangélicos e que essa crescente bancada tem implantado uma agenda conservadora em questões sociais. O texto também informa que a deputada Erika Kokay, do PT, era a única mulher presente na sessão e foi responsável pelo único voto contrário à medida.

Ainda no dia 9, a *Al Jazeera* publicou reportagem sobre outro possível retrocesso, dessa vez, relacionado à alteração em leis que permitem a criação e o reconhecimento de territórios quilombolas.

No dia 10, o *NY Times* publicou reportagem sobre a frase racista dita por William Waack, “é coisa de preto”. Para explicar a dimensão que o assunto ganhou, o jornal informou que a hashtag #Écoisade-preto atingiu o trending topics do Twitter no Brasil – o que evidencia a importância que as redes sociais estão tomando no mundo.

A notícia conta que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, que há uma discordância sobre o racismo na sociedade brasileira – parte alegaria que há uma convivência harmoniosa entre negros e brancos e outra parte que a realidade é bem diferente disso. O jornal não define uma posição, mas aponta que a expectativa de vida de homens negros é muito mais baixa do que a de brancos no Brasil – evidenciando que há uma diferença significativa e profunda.

O chileno *El Mercurio* publicou no dia 11 uma entrevista com Jair Bolsonaro. Na conversa, o presidente se declarou um admirador das políticas de

Trump, copiou o bordão do estadunidense, “America first”, dizendo que quer o “Brasil em primeiro lugar”. Além de muitas críticas ao PT, ele disse que se identifica muito com o ditador chileno Augusto Pinochet. O motivo da entrevista, segundo o jornal, é que Bolsonaro aparece como o segundo nas pesquisas eleitorais e é visto como um grande adversário para Lula.

No dia 15, a alemã *DW* publicou entrevista com a ex-presidenta Dilma Rousseff que foi reproduzida na íntegra pela *Folha de S. Paulo* na mesma semana. Dilma reforçou os argumentos de que o Brasil sofreu um golpe de Estado.

No dia 19, o *Le Monde* publicou entrevista com o ex-presidente Lula na qual aponta que a aplicação de reformas ainda no governo Dilma foi um erro porque fez com que o eleitorado dela se sentisse traído e afirma que a destituição foi um golpe de Estado. Lula disse ser alvo de uma ação mentirosa do Judiciário, mas afirmou não ser contra a Lava Jato e, sim, contra os excessos e mentiras. O ex-presidente declarou que o governo atual não pratica política alguma, que é um “exterminador do futuro”.

O interesse do jornal por Lula mostra a importância que o ex-presidente tem na comunidade internacional. Também no dia 19, o *The Guardian* publicou reportagem denunciando que o governo da Grã-Bretanha pressionou o Brasil em nome das empresas petrolíferas BP e Shell em relação à tributação que seria aplicada, regras ambientais e uso de empresas locais.

Segundo a reportagem, o ministro do comércio britânico viajou ao Brasil em março para ajudar empresas do país a fecharem negócios aqui. O Greenpeace acusa o governo britânico de agir como um “braço de pressão da indústria de combustíveis fósseis”. Já o governo nega a prática. No Brasil, a reportagem foi reproduzida pela *Folha de S. Paulo*.

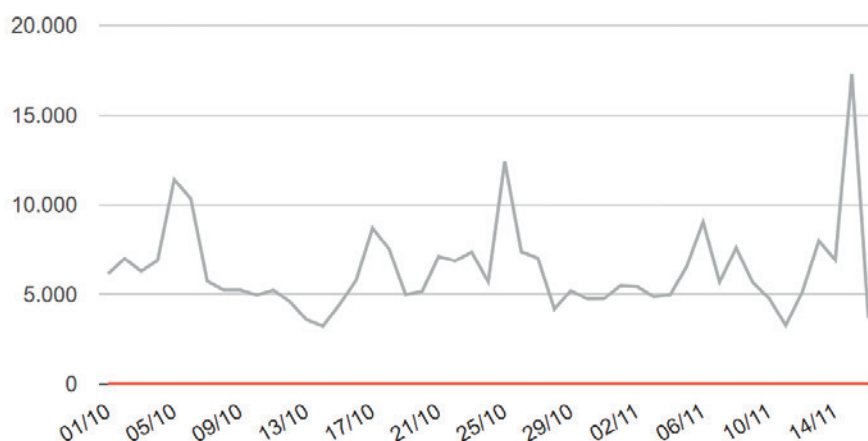
Intervenção militar nas redes

O objetivo central desta análise foi entender quais eram e de onde partiam os argumentos de apoiadores e detratores de uma possível intervenção

- ou golpe, como veremos - como construíram o discurso e como buscaram encaixar essa pauta. A coleta encerrou-se no feriado da Proclamação da República e também o dia com maior volume de menções acerca do tema no Twitter. Manifestações por todo o país, com destaque para as realizadas na cidade de São Paulo, chamaram a atenção de usuários que se mobilizaram para “repudiar” os en-

tusiastas de uma possível intervenção militar.

Entre os dias 1 de outubro e 16 de novembro foram coletadas 316.492 ocorrências no Twitter. (*tweets, retweets* ou *respostas* publicadas nessa rede social online em específico). Os termos foram programados e formaram assim grupos específicos: *Golpe, Intervenção, Ditadura e Exército*.



A presença do 15 de novembro é facilmente notada entre as hashtags mais presentes no período. A *#dia15pelobrasil* foi a segunda hashtag mais utilizada, atrás apenas de *#intervenção*. Destacam-se ainda *#governomilitar*, *#enquete* (o que pode ser

facilmente observado como ações ‘caça-click’ de diversas páginas, perfis e usuários que buscam, por meio de temas polêmicos, aumentar o engajamento de suas páginas), *#brasil*, *#mourão*, *#sosffaa* e *#coesão*.

Hashtag	Quantidade
#intervenção	9846
#dia15pelobrasil	9566
#governomilitar	2230
#enquete	1372
#brasil	1329
#mourão	1154
#sosffaa	1129
#coesão	1050
#intervençãoomilitar	872
#zimbabwe	735
#rebeldia	638
#golpe	626
#vaitersirene	554
#foratemer	554
#feméride	441
#reagemilitares	438
#defiendete	429
#143	413
#intervenciaomilitar	399
#intervenciaomilitarja	366

É importante ressaltar também a atenção despendida por outros países latino-americanos sobre o tema. Apesar do grande volume de ocorrências ligadas a esses países, elas não têm a densidade que os dois principais agrupamentos apresentam: os detratores e apoiadores de uma possível intervenção militar. Os detratores formam o maior agrupamento do período, com 22,5% dos nós (perfis) e 34,07% das arestas (interações). Basicamente, é possível afirmar que o maior volume de usuários que falam sobre o tema são de esquerda/progressistas, contrários a uma possível intervenção militar.

O agrupamento de apoiadores de uma possível intervenção é formado por 19,07% dos nós e 31,15% das arestas. Ou seja, o maior volume de publicações sobre o tema parte do agrupamento de usuários apoiadores de uma possível intervenção, mesmo que representados por um volume menor de usuários. Destacam-se, aqui, usuários que apoiam Bolsonaro e páginas de veículos oficiais de imprensa. A entrevistadora Mariana Godoy foi “dragada” por esse agrupamento, após entrevista com o pré-candidato à presidência Jair Bolsonaro em seu programa. Até mesmo o perfil oficial do Exército brasileiro, *exercitooficial*, se encontra nesse agrupamento.

Em um segundo momento analisamos os padrões

de diálogo dessas ocorrências, sendo possível assim identificar uma diferenciação essencial entre os dois principais agrupamentos: para detratores trata-se de um golpe, enquanto para apoiadores trata-se de uma intervenção. Ambos se encontram conectados por meio de dois termos que compartilham: militar e Brasil. Os 429 termos mais utilizados apresentam-se conectados a partir de co-ocorrências entre si. Ou seja, palavras utilizadas na mesma ocorrência apresentam arestas maiores - e mais fortes. Assim, fica nítido o caráter de cada um desses termos a partir das principais palavras atreladas a eles.

Em suma, observa-se que ações pouco planejadas ou desorganizadas de usuários de esquerda/progressista acabam reverberando publicações de usuários que apoiam o que para eles seria uma intervenção - enquanto para usuários de esquerda/progressistas seria um golpe. Os termos denotam a diferença ideológica e as preocupações de cada um desses agrupamentos. Enquanto para usuários de esquerda o golpe representa um avanço do já criminoso processo de impeachment, da passividade do Supremo Tribunal Federal e conivência de todo o Judiciário, para apoiadores representa a salvação divina de um país marcado pela impunidade, corrompido e vergonhoso.